

Filosofia, educação e formação humana: a busca dos sentidos do fazer educativo

Lélio Favacho Braga¹ e Antônio Joaquim Severino²

1 Doutorando em Educação - PPGE/UNINOVE/São Paulo, Brasil. E-mail: leliefavacho@bol.com.br

2 Prof. Dr. Universidade Nove de Julho-UNINOVE/São Paulo, Brasil. E-mail: ajsev@uol.com.br

RESUMO: A imersão no fazer educativo, sobretudo neste século XXI é sem dúvida uma práxis desafiadora na formação humana. Então, é de relevância uma reflexão sobre os múltiplos saberes dos sentidos desta práxis, levando em consideração a contribuição decisiva da filosofia para a construção do pensamento crítico. Neste sentido, o presente texto tem como objetivo, refletir sobre a busca dos sentidos do fazer educativo, assinalando também as dificuldades que se apresentam aos alunos na escola brasileira atual no que diz respeito ao processo formativo. O modo pelo qual as teorias lhes são apresentadas, quase nunca esclarece a significação que essas podem possuir com a realidade concreta da criatura humana. Por vezes, os alunos são motivados a memorizar fórmulas e regras que em si mesmas têm pouco ou nenhum sentido relacionado ao seu cotidiano. Na conclusão é assinalado que tal prática torna o processo de aquisição de conhecimento entediante e descontextualizado, clamando pela função primordial da escola: de geradora da reeducação do homem numa perspectiva humanizada, ética, crítica e cidadã. Adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa, tendo como alicerce uma análise e discussão crítica e argumentativa dos pressupostos acima descritos.

Palavras-chave: Escola. Práxis educativa. Construção do conhecimento.

Philosophy, education and human communication: the search of education to the senses

ABSTRACT: Immersion in making education, especially in this twenty-first century is undoubtedly a challenging practice in human development. So, it is important to reflect on the knowledge of multiple meanings of this practice, taking into account the decisive contribution of philosophy to the construction of critical thinking. In this sense, this paper aims to reflect on the search for meanings of education do, also pointing out the difficulties that are presented to students in the current Brazilian school with regard to the training process. The way the theories are presented to them, almost never explains the significance that these may have with the concrete reality of the human creature. Sometimes, students are motivated to memorize formulas and rules that in themselves have little or no sense related to their daily lives. In conclusion it is noted that such a practice makes the process of acquiring tedious and decontextualized knowledge, calling for school primary function: generating the re-education of man in a humanized perspective, ethics, critical and citizen. It was adopted as the methodological procedure qualitative research as a foundation analysis and critical and argumentative discussion of the assumptions described above.

Keywords: School. Educational praxis. Construction of knowledge

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que a escola consiste na instituição responsável pela estimulação da “pergunta analítica”, a imersão no fazer educativo pode contribuir na construção de um mundo melhor, mais humano, mais igualitário e mais tolerante. O educando deve ser conduzido à prática da criticidade e seu pensamento deve ser impulsionado ao exercício da ação do pensar, ou seja, se pensando e pensando o outro na cultura a qual está inserido. A ação da “prática docente especificamente humana, é profundamente formadora [e transformadora], por isso, ética” (FREIRE, 2001, p. 65).

A filosofia como reflexão e modalidade de pensar está em todo lugar. Quando se exercita o poder de pensar, está se elaborando uma forma de reflexão. Pensar é um ato espontâneo da consciência humana. A filosofia deve estar voltada para a própria condição humana, no sentido de encontrar possibilidades que sejam capazes de melhorar a vida das pessoas. De exercer mudança na vida prática, inserida na vivência cotidiana.

Por meio do fazer educativo, a filosofia pode auxiliar na busca da transformação da realidade da criatura humana para uma vida mais satisfeita. Neste sentido, a práxis filosófica pode ser conceituada como o esforço da consciência humana para compreender a realidade. Ou seja, o impulso de buscar o conhecimento da realidade/totalidade e a inquietude de com-

preender o significado essencial das coisas.

Como atividade de análise, de reflexão e de crítica, a filosofia contribui de forma decisiva para a construção do processo educativo. Esta compreensão deve ser instrumento de ação social e política, contribuindo para pensar e repensar o modelo (ou modelos) educacional vigente. Edgar Morin (2003, p. 33), defende que “para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital da lucidez”.

Deste modo, a práxis educativa não pode perder o sonho de fazer a transformação para uma vida mais satisfeita e ética por meio da construção da criticidade. “Que educador seria eu se não me sentisse movido por forte impulso que me faz buscar, sem mentir, argumentos convincentes na defesa dos sonhos por que luto? Na defesa da razão de ser da esperança com que atuo como educador” (Freire, 1999, p. 84).

Quem administra o processo ensino-aprendizagem deve conduzir o modo de fazer, impulsionando o desenvolvimento das potencialidades no educando. De um modo geral, a escola sem dúvida alguma é uma das possibilidades mais importantes para ajudar as pessoas a alcançarem uma vida mais satisfeita. Por meio da ação educativa é possível sonhar e pensar uma sociedade mais democrática e igualitária, que seja capaz de multiplicar a idéia de in-

divíduo mais humano, crítico e consciente de seu dever ético. “É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências do mundo” (FREIRE, 2001, p.83).

2 FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA: PROCESSO EDUCATIVO PARA A CRITICIDADE

A filosofia contribui com o desenvolvimento da consciência crítica, com a formação do pensamento, com a reflexão e com a habilidade investigativa do educando. Ela amplia a visão de mundo, eleva o nível cognitivo e intelectual. Neste sentido, ela abre a possibilidade para a resignificação ao proporcionar clareza ao pensamento, com o desenvolvimento do espírito investigativo, interpretativo e a observação da realidade. Compreender os sentidos da vida abre possibilidades para lutar por uma sociedade mais humanizada. Para o filósofo Antônio Joaquim Severino (2008, p. 23-24):

A forma filosófica de conhecimento se apresenta como a busca ilimitada de mais sentido, de mais significação. Transforma-se então a filosofia num esforço do espírito com vistas a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível, e sempre em relação à significação da existência do homem. É a tentativa de compreender o sentido mais radical das

coisas, independentemente de sua utilização imediata. Esse sentido é o modo pelo qual as coisas se apresentam ao espírito, modo propriamente humano da consciência se apropriar delas. Ter consciência, para o homem, identifica-se com o dispor de sentido, o que constitui para ele a compreensão da realidade. Compreender é, pois, reconhecer, no nível da subjetividade, nexos que vinculam, com determinada coerência entre si, elementos da realidade experienciada a partir do próprio processo vital.

Para Edgar Morin (2003, p.48), se deve “integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes”. Desta maneira, gerando ideias e conteúdos para o desenvolvimento da informação, da leitura e da escrita. Dessa forma, o fazer do educador deve passar pelo ato de motivar, incentivar e acompanhar o desenvolvimento de seus alunos.

A práxis educativa deve instigar os alunos ao desenvolvimento da capacidade de pensar, sobretudo as possibilidades sobre suas próprias vidas. Intencionando que os alunos valorizem a si mesmos, reconheçam o seu potencial, adquiram autoestima e liberem o poder que têm dentro de si próprios. Nesse sentido, o educador deve assumir a função de motivar os seus alunos a despertarem suas próprias capacidades. É de suma importância desenvolver nos alunos o pensamento crítico, autônomo e emancipado. Assim, obje-

tivando que esta ação consista em suas vidas o instrumento necessário para que em suas realidades concretas eles possam interferir efetivamente e com criticidade sobre suas próprias realidades cotidianas.

A construção do conhecimento ajuda os alunos a descobrirem suas potencialidades, suas qualidades pessoais e de grupo. Gerando uma “educação que rompe com os individualismos e estimula a pessoa ao diálogo e a ação na comunidade dos homens” (ENRI-CON, 1993, p. 18). Neste sentido, o fazer educativo deve ajudar o educando a construir valores concretos e não apenas transmitir conhecimentos ou informações abstratas.

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Essa busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão (FREIRE, 2005, p. 89).

Partindo do pressuposto que a comunicação humana é uma atividade complexa, cabe perguntar: o que um professor pode fazer para se tornar um comunicador mais eficiente? Uma possível resposta poderia ser: que professor deve estudar bastante e ler muito, não podendo ficar sobre o arbítrio do senso comum, o que seria um contrasenso. Neste sentido, pôr o pensamen-

to na ação do pensar é uma tarefa inerente a sua profissão. “Aquele que quer compreender não pode se entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias” (GADAMER, 2004, p. 358).

De modo geral, o sistema educacional da segunda década do século XXI de certa forma, não prepara o educando para compreender a significação de todos os aspectos da realidade, mas sim para o acúmulo de informações e técnicas academicistas. Neste moldes, a praxis educativa não conduz o indivíduo para a leitura crítica do mundo.

[...] ou se pensa e se reflete sobre o que se faz e assim se realiza uma ação educativa consciente, ou não se reflete criticamente e se executa uma ação pedagógica a partir de uma concepção mais ou menos obscura e opaca existente na cultura vivida no dia-a-dia e assim se realiza uma ação educativa com baixo nível de consciência (LUCKESI, 1993, p.32).

3 A BUSCA DOS SENTIDOS DO FAZER EDUCATIVO

O processo formativo é dever de todos os professores das disciplinas que fazem parte do currículo de ensino básico, assim como de toda comunidade escolar. Esses indivíduos tem a função de desvelar e conduzir a criatura humana ao percurso que vai do senso comum à consciência crítica. Do contrário, aconteceria um mero repasse de conteúdos, causando possíveis problemas como a má interpretação na

leitura da realidade cultural do educando e uma precária visão de mundo.

Segundo Severino (apud SILVEIRA e GOTO, 2009, p. 24), “é de se reconhecer então a procedência da experiência pedagógica do exercício filosófico pleno desde o ensino fundamental”. Com estas palavras, o filósofo parece sugerir a importância de uma educação de base filosófica, desde as séries iniciais. Conduzindo desde cedo as crianças a cultura da investigação, do questionamento e da análise do que está a sua volta, colocando seu pensamento na ação do pensar.

O fazer educativo pelo método tradicional (educação bancária) parece trazer a percepção da ausência da participação dos alunos durante as aulas. Trazendo a ideia do quanto os alunos podem ser desmotivados no seu cotidiano escolar. Neste sentido, vale lembrar o pensamento de Freire, “repudio a ‘pedagogia bancária’ e proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta” (FREIRE, 2001, p.83). O fazer educativo pode contribuir como um significativo aporte à formação de um sujeito transformador de sua realidade, ao chegar à plena consciência de sua existência, ou da consciência de sua ignorância frente à percepção do que falta ser conhecido.

O próprio Sócrates reconhece sua ignorância ao dizer ‘só sei que nada sei’. “Por isso seu método começa pela parte considerada ‘destrutiva’, chamada irônia (em grego, perguntar)” (ARANHA, 2010, p.107). Na filosofia socrática, o filósofo em questão chega a um

estágio de conhecimento em que percebe sua ignorância frente ao que ainda falta ser conhecido, valendo repetir sua frase: “só sei que nada sei”. “No primeiro momento esse método – a *irônia*, que em grego significa ‘perguntar’ – o filósofo desmonta as certezas solidificadas e abre caminho para o segundo passo, a maiêutica (em grego ‘parto’)” (ARANHA, 2010, p.150).

O professor que consegue perceber seu conhecimento como provisório, dificilmente se petrificará em conhecimentos estanques. A existência do homem enquanto ser pensante traz consigo o diálogo com a realidade. Neste sentido, homem existe, está inserido no mundo, tem consciência de si e do outro, sendo capaz de modificar a realidade vigente. “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética” (Freire, 1996, p.32). A consciência crítica consiste na necessidade de haver o distanciamento da realidade objetivando melhor refleti-la, do contrário, caracterizaria a consciência ingênua, olhar distorcido da realidade.

De acordo com Lair Ribeiro (1993), são poucos indivíduos que procuram se destacar daqueles que estão no mundo, o resto apenas fazem parte das estatísticas. Para o referido autor, a “civilização sempre foi impulsionada por uma pequena minoria” (RIBEIRO, 1993, p. 18). Os demais, ou seja, bilhões de pessoas vão apaticamente atrás, tal qual uma “boiada”. “Se você quer exercer mais plenamente suas habilidades, é fundamental destacar-se

da “boiada”, participar do mundo não como objeto das circunstâncias e sim como sujeito ativo, conduzindo seu destino” (IDEM, p. 18).

O indivíduo que faz conscientemente sua história tem consciência de si, por isso é um ser no mundo e pode ser considerado o arquiteto de suas ações. Diante disso, o fazer educativo é criador de possibilidades para a produção ou a construção de conhecimentos. A construção do conhecimento passa pela busca, pela indagação, pela inquietação, pela pesquisa e pela indignação diante da realidade que desagrada. Ensinar é emancipar, ou seja, consiste em gerar reflexão no outro por meio da construção do conhecimento, com questionamentos baseados na concretude local e de mundo. Esse fazer educativo pautado em ações construídas eticamente, visa uma vida mais satisfeita para o indivíduo em qualquer cultura que ele esteja ou se instale.

Vale lembrar o pensador brasileiro Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 29): “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. A filosofia tem suma importância na educação do indivíduo para emancipá-lo intelectualmente de todas as tutelas. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em perma-

nente movimento na história” (FREIRE, 1996, p. 136).

Por isso, a forma filosófica de conhecimento dialoga e está centrada na realidade, pois a filosofia não é um saber limitado, mas um conhecimento que deve ser compartilhado. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (FREIRE, 2005, p. 89). A filosofia é educadora por natureza, ela visa formar o homem, aperfeiçoar, aprimorar e torná-lo melhor. O filósofo é educador por excelência, pois se ele não ousa educar não está fazendo nada.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (FREIRE, 1996, p. 41).

O fazer educativo perpassa pelo olhar sobre o desenvolvimento das potencialidades cognitivas do indivíduo, no que concerne o senso construtivo do pensamento reflexivo. De uma forma geral, o currículo escolar brasileiro ao longo do percurso histórico da práxis educativa parece não romper com processos tradicionalistas de aprendizagem. É nítida a dificuldade em romper com uma educação fragmentada que reverbera em dificuldades no processo formativo para emancipar os in-

divíduos. Propiciando um processo formativo equivocado, baseado em aspectos que dificultam o processo de ensino e aprendizagem no sentido da efetiva prática formativa para uma vida mais satisfeita e cidadã.

A escola deve está voltada para a emancipação e para as relações humanas, em que haja respeito, interação e tolerância às diferenças individuais e de grupos culturais para que se possa alcançar o bem coletivo. Daí, o papel do fazer educativo: o de proporcionar a capacidade de o ser humano compreender as distinções culturais em qualquer ambiente ou contexto que estiver inserido. Neste sentido, num esforço um pouco maior, entendemos que por criticidade se pode compreender também a capacidade de distinguir aspectos abstratos ou concretos no ambiente ao qual se vive dentro de qualquer contexto sociocultural. Diante disso, bons filmes, leituras, músicas, debates, palestras e atualidades também podem ampliar a capacidade de informação do indivíduo.

A instituição que pode contribuir significativamente no processo de formação cidadã da criatura humana é a escola. Essa mais que qualquer outra, consiste naquela que fabrica a sociedade do futuro. A escola trás consigo o estágio preparatório para a maturidade e para a vida em sociedade. Neste sentido, de certa forma, parece haver a necessidade de reeducar o homem, mas ao mesmo tempo surge um questionamento: como reeducá-lo se este parece já se considerar educado? Este, se pode dizer é mais um desafio desse

século XXI. Para Theodor Adorno (1995) educação consiste na produção de uma consciência verdadeira.

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive de maior importância política; sua idéia se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito; demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (p.141-142).

A escola não é a única instituição formadora de humanidade, todavia ela deve chamar para si a responsabilidade de possuir a função primordial de construir indivíduos conscientes, capazes de pensar por si só: onde estavam, onde estão e para onde querem ir. Para se chegar a esta consciência, a escola precisa estar atenta ao surgimento de novos modelos formativos, fazendo com que a educação assuma a função decisiva de geração da percepção necessária para que se alcance à reeducação do homem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade da escola é assegurar a educação do homem por meio do pro-

cesso formativo para que este seja capaz de formar uma imagem de si mesmo e do outro, de se compreender no mundo e na história contribuindo no desenvolvimento ético e cidadão da humanidade. Por isso toda aprendizagem escolar deve então tender a uma educação global do homem, cujo resultado não pode ser atingido sem levar em conta a construção de indivíduos críticos.

Para realizar sua tarefa educativa, a escola não pode hoje deixar de unir o ensino escolar à nova fonte de saber e de cultura, que são os meios de comunicação social, que procuram realizar sínteses dos conhecimentos e formar o senso crítico nos indivíduos. A escola não pode atingir seu objetivo, sem estar atenta a certos valores que caracterizam a civilização do século XXI: liberdade de consciência, senso do coletivo e sendo do universal.

Diante disso, quanto mais a escola der provas de abertura para o mundo de hoje, tanto melhor garantirá a presença de indivíduos conscientes na transformação do mundo e tanto melhor defenderá a liberdade e o bem estar social. Será visível esta abertura quando a Escola efetivamente se mostrar inserida na sociedade, apresentando um sistema de valores relacionados com a cultura contemporânea. Capaz de compreender as diversas situações de degradação pela qual passa toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 141-142.
- ARANHA, M^a Lucia de Arruda. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2010. p. 107-150.
- ENRICONE, D (Org.). **Educação, vivência e projetos**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993. p.18.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 29-32-41-136.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. P. 84.
- _____. **Educação na cidade**. 5^a ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.65-83.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 42.^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 89.
- GADAMER, Hans-Georg. **Homem e Linguagem**. In: Verdade e Método II. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 358.
- LAIR, Ribeiro. **Comunicação Global a Mágica da Influência**. 30^a edição. São Paulo Objetiva, 1993. p.18.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. 6^a ed. São Paulo: Cortez, 1993. p.32.
- MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5^a ed. São Paulo: Cortez, 2003. p.33-48.
- SEVERINO, Antônio J. **O ensino da filosofia: Historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem**. In: Filosofia do ensino da filosofia/Silvio

Gallo, Gabriele Cornelli, Márcio Dane-
lon org.) – Rio de Janeiro: Vozes Petró-
polis, 2008. p.23-24.

SILVEIRA, Renê José Trentin e GOTO,
Roberto. **A Filosofia e seu ensino: ca-
minhos e sentidos**. Coleção: Filosofar é
Preciso. São Paulo: Loyola, 2009. p.24.

License information: This is an open-access article
distributed under the terms of the Creative Com-
mons Attribution License, which permits unrestrict-
ed use, distribution, and reproduction in any medi-
um, provided the original work is properly cited.

Artigo recebido em 11 de janeiro de 2015.
Aceito em 22 de maio de 2015.